

O Projeto Guernica da Prefeitura de Belo Horizonte: Nova Abordagem da Pichação e do Grafite na Cidade

Área Temática de Cultura

Resumo

O Projeto Guernica é um programa da Prefeitura de Belo Horizonte, em parceria com o Centro Cultural UFMG e a FUNDEP, sendo, desde o ano 2000, sustentado não só por se constituir em espaço de estudo e pesquisa, como também por implementar proposta de política pública para a pichação e grafite na cidade. Nessa proposta, leva em consideração o problema do patrimônio, do urbanismo e da história. Ao perceber a pichação e o grafite como escrita tomada como necessária pelos jovens, propõe, como objetivos, abrir o debate e estabelecer ações que abram o leque de alternativas, que possibilitem aos jovens frequentar outros discursos e espaços da cidade, buscando ampliar os recursos técnicos e conceituais de cada um. Como metodologia, disponibiliza aos jovens de bairros populares uma passagem pela arte, por meio de oficinas com novos suportes para a escrita e a arte, seminários, palestras, participação de eventos de instituições, apropriação de espaços urbanos e uma grande campanha para a rede escolar. Como resultado, há ampliação das possibilidades de escrita, com o abandono de práticas transgressoras, maior respeito à memória social e o estabelecimento de laços sociais favoráveis ao mercado de trabalho e à participação cidadã. Palavras: pichação, patrimônio, urbanismo.

Autoria

Maria Inês Helio Lodi - psicanalista; graduação em Psicologia pela FUMEC e Pedagogia pela UFMG; especialização em Filosofia pela FAFICH-UFMG; mestrado em Ciências Sociais pela PUC-Minas; coordenadora do Projeto Guernica.

Marcelo Matta de Castro - psicanalista; graduação em Psicologia pela FUMEC; mestrando em Psicanálise pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG; coordenador do Projeto Guernica.

José Marcius Carvalho Vale - graduação em Engenharia Civil pela UFMG; coordenador do Projeto Guernica.

Maria Elisabete Alves Pinto Pimentel - graduação em Pedagogia pelo Instituto de Educação de Minas Gerais e em Artes Plásticas pela Escola Guignard de Belo Horizonte; especialização em Arte Contemporânea pelo IEC/PUC-Minas; assessora de Arte-Educação do Projeto Guernica..

Instituição

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Mina, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Palavras-chave: pichação; patrimônio; urbanismo

Introdução e objetivo

O Projeto Guernica é um programa da Prefeitura de Belo Horizonte, sustentado não só por se constituir em um espaço de estudo e pesquisa, como também por implementar uma proposta de política pública para a pichação e o grafite na cidade. Desde 1999, por iniciativa do então prefeito Célio de Castro, uma comissão dedicou-se ao exame da pichação e do grafite, abrindo a discussão com psicanalistas, engenheiros, artistas plásticos, urbanistas,

arquitetos, e profissionais de áreas diversas da universidade e de outros setores, como grafiteiros, detetives e professores de escolas públicas.

A partir das elaborações que daí emergiram, o Projeto Guernica foi fundado, iniciando suas atividades em março de 2000. Desde então, mantém-se vinculado ao Gabinete do Prefeito, dado o seu amplo espectro de ação, de modo a facilitar a necessária articulação com as várias Secretarias Municipais e com outros órgãos, como as universidades.

O Projeto é mantido por meio de um fundo repassado pela AMAS, o que lhe garante parte dos recursos humanos e materiais. Um convênio da Prefeitura de Belo Horizonte tem assegurado a outra parte dos recursos humanos, relativa à coordenação, pela FUNDEP. Além disso, desde 2002, o Projeto Guernica mantém um importante contrato com o Centro Cultural UFMG, pelo qual faz a cessão do coordenador da Oficina Digital Guernica, especializado em design gráfico, para dirigir os trabalhos do programa de Letramento Digital do Centro Cultural UFMG, nas oficinas do bairro Confisco, na Pampulha. Muitas palestras, oficinas de duração anual e exposições da produção cultural do Projeto Guernica têm acontecido nesse Centro Cultural, tendo sido possível aos alunos das oficinas, em sua maioria jovens da periferia, a realização de trabalhos artísticos diversos, inclusive utilizando um sofisticado equipamento de tecnologia digital. Professores das Universidades de Belo Horizonte têm realizado palestras sistemáticas para a equipe do Projeto Guernica, que inclui grafiteiros.

Uma coordenadora do projeto, Maria Inês Lodi, tomou-o recentemente como objeto de um estudo no curso Gestão de Cidades, do mestrado em Ciências Sociais da PUC-Minas, em uma dissertação defendida em dezembro último, intitulada *A escrita das ruas e o poder público no Projeto Guernica de Belo Horizonte*.

Outro coordenador, Marcelo Matta de Castro, como pós-graduando no mestrado em Psicanálise da UFMG, tem desenvolvido pontos de estudo a partir do Projeto Guernica.

A assessora de Arte-Educação do Projeto, Maria Elisabete Pimentel, dedicou sua monografia do curso de especialização em Arte Contemporânea no IEC/PUC-Minas ao Projeto Guernica, em 2003. A coordenadora de oficinas Maria Luiza Viana apresentou um projeto de mestrado que ainda está sendo examinado em junho, na Escola de Belas Artes da UFMG, tomando por enfoque o grafite como uma escrita desenvolvida por jovens. Uma aluna da oficina do Barreiro, ao conseguir entrar para o terceiro grau, impulsionada pelo Projeto, desenvolveu uma monografia de graduação na Faculdade Asa de Brumadinho, sobre o Projeto Guernica. O mesmo se deu com o monitor de oficinas e grafiteiro Álan Oziel da Silva, que fez um trabalho sobre o grafite para o curso de História da PUC-Minas. Um grupo de alunas do Curso de Comunicação Social da PUC-Minas, após realizarem estágio nas oficinas do Projeto Guernica, desenvolveram monografia sobre o projeto em 2002. Dois grupos de alunos da Universidade Newton Paiva realizaram um vídeo institucional sobre o Projeto Guernica e um vídeo promocional da Campanha sobre Patrimônio.

O Projeto apresentou-se em inúmeras ocasiões em universidades, quer sob a forma de palestras, quer na confecção de grafites, painéis, murais, ou na exposição de sua produção artística, como por exemplo, na UFMG, na PUC-Minas, na Newton Paiva, na FUMEC. Também participou de eventos de universidades, como aquele do Projeto Manuelzão, com a elaboração de grafites, geralmente em painéis.

O Projeto Guernica tem se firmado em Belo Horizonte como uma política pública concebida sobre uma abordagem nova do problema da pichação e do grafite. Partiu das constatações de que a pichação e o grafite, embora constituam ato infracional, estão presentes hoje na maior parte das grandes cidades; de que, em Belo Horizonte, a pichação tem sido intensa, a ponto de destruir restaurações de monumentos e tornar-se onerosa tanto para o poder público quanto para particulares em geral; de que há aí uma tentativa de expressão artística, uma escrita eloqüente, que pode ser lida como uma demanda ao poder público por uma realização social, feita por adolescentes predominantemente de bairros populares, do

sexo masculino, que correm riscos ao se inscreverem como membros de gangues, galeras ou grupos de pichadores, uma vez que se constata uma associação freqüente com a violência, com as torcidas organizadas dos clubes de futebol, além de outros efeitos dessas atividades feitas nas ruas, geralmente à noite.

O Projeto concebe que uma política pública nessa área só pode ser traçada com a participação dos setores envolvidos, incluindo os jovens pichadores e grafiteiros e aqueles que portam o conhecimento de múltiplos campos do saber como o urbanismo, a sociologia e a arte. Trata-se de uma política do ponto de vista das pessoas, que tem por princípio prestar atenção à semântica das pessoas, tomando o Estado como interlocutor.

Considera que o grupo desses jovens faz uma tentativa de formar um movimento social, sustentado por um discurso e uma escrita subsequentes, tendo, como definiu Badiou (1999), reivindicações próprias e o objetivo coletivo de promover o bem-estar de todos. Contudo, há, nesse movimento, uma característica que nubla seus propósitos, que é a “identidade fechada” da qual nos fala Badiou (1999), que ocasiona uma fragmentação que só beneficia um sistema capitalista. Há um fechamento sobre um só discurso, para dizer ainda nos termos da psicanálise, trazendo bloqueios às possibilidades de vida social. Consta-se que esse discurso está especialmente cristalizado nas idéias do movimento Hip-Hop.

A pichação e o grafite podem ser considerados como uma escrita que corresponde a esse discurso. Trata-se de uma escrita considerada por esses jovens como necessária, podendo-se traçar um paralelo com a escrita de Joyce, radical na busca de uma letra que possa dar conta da verdade de um ponto indizível do real. O Projeto postula ainda que o trabalho deve levar em consideração o espaço, de acordo com Lefebvre (1999), que entende que o consumo dos “espaços de lazer”, que reproduzem as relações de produção, abre a conexão com a organização capitalista de produção.

Assim, um dos objetivos do Projeto é abrir o debate sobre a pichação com os próprios pichadores e grafiteiros, de modo sistemático e contínuo, de tal maneira que não só eles explicitem suas razões, como também que possam examiná-las à luz dos conceitos fundamentais que regem o trato com a cidade, tais como os de patrimônio, urbanismo, história, arte e ecologia. Outro objetivo é abrir o leque de alternativas aos jovens envolvidos com a pichação e o grafite, buscando ampliar os recursos de cada um, sejam eles técnicos ou conceituais, para solucionar o problema de que se queixam, além de qualificá-los no campo da arte.

Um terceiro objetivo é encontrar formas de expressão, articuladas com a história e a memória social, que resultem em laços sociais mais bem sucedidos quanto ao mercado de trabalho e à participação cidadã, diminuindo, assim, os atos infracionais de depredação e vandalismo contra o meio ambiente, previstos como crime em leis federais e municipais. O Projeto se propõe, desse modo, a inventar trajetos, caminhos que não existem.

Metodologia

A equipe é composta de três coordenadores, sendo dois psicanalistas e um engenheiro, uma assessora de arte-educação, sete coordenadores de oficina – artistas plásticos, arte-educadores ou designers, sete monitores de arte e de grafite e uma estagiária.

O Projeto Guernica sustenta seus propósitos por meio de uma passagem pela arte. Retoma a idéia de Lefebvre dos “espaços de lazer”, para propor aos jovens pichadores e grafiteiros o uso de espaços diversos, tais como museus de arte ou de história, escolas universitárias, centros culturais, parques, ateliers e outros, na perspectiva do sabor, da degustação, do consumo, ou seja, na articulação com o desejo e o projeto de cada um, que é o que pode propiciar a apropriação desses espaços. Para evitar a fixação em um só discurso, propõe um vetor de “circulação dos discursos”, tal como concebeu Lacan (1985), o que se

obtem a partir da experiência de outras modalidades de laço social, vetor sob o qual se implementam as atividades.

A partir daí, a metodologia supõe quatro eixos principais: o primeiro, de estudo, reflexão, debates e planejamento. São as reuniões gerais, com todos da equipe, ou as “supervisões psicanalíticas”, em pequenos grupos, os seminários e mesas-redondas em que há convidados para palestras e conferências. O segundo consiste nas oficinas, destinadas ao público prioritariamente jovem, de bairros populares, coordenadas por artistas plásticos, designers gráficos e grafiteiros. Elas são realizadas em diferentes regionais de Belo Horizonte, em escolas públicas, centros culturais, parques, preferencialmente equipamentos do poder público. Não se fazem oficinas com o intuito de ensinar o que é o grafite, entendendo-se que essa é uma prática de rua. As oficinas aqui colocam à disposição dos participantes um saber variado, sendo basicamente de dois tipos: as “Oficinas de Arte, Grafite e História”, onde se trabalham sobre as técnicas variadas do grafite (e não só do grafite Hip-Hop) com outras técnicas artísticas, a História da Arte, da Civilização e da cidade de Belo Horizonte, especialmente do bairro; e a Oficina Digital, onde se explora a produção em quadrinhos, a animação digital, o vídeo, a impressão gráfica de fanzines, capas de CD’s, cartoons e caricaturas.

O terceiro eixo pressupõe a participação em eventos de outros órgãos, setores e instituições, e a realização de eventos próprios. Aqui se incluem ainda os estágios de alunos e monitores do Projeto em locais de trabalho. O quarto eixo diz respeito à comunicação da produção do Projeto à cidade, por meio de mostras de arte, vídeo, CD-Rom, conferências, participação em programas de TV e outros, além de publicações, cursos e campanhas. Por esse viés, tenta-se não só compartilhar com um número maior de pessoas os resultados obtidos, como abrir a interlocução e até mesmo gerar uma nova concepção sobre o tema na cidade e, conseqüentemente, uma nova atitude frente ao trato com a cidade.

Resultados e discussão

Após quatro anos e meio de trabalho, o Projeto Guernica colhe efeitos sobre a cidade. Ao longo desse tempo, foi possível dar subsídios à Prefeitura Municipal e ao Governo do Estado, em diferentes ocasiões, para ações referidas à pichação e ao grafite. Também serviu para alertar a alguns autores de projetos de lei na Câmara Municipal contra a impropriedade de seu conteúdo, quando deixavam de lado pontos relativos ao patrimônio e à complexidade social do assunto.

O Projeto já atendeu, em suas oficinas, cerca de 2.300 crianças, número que não contempla os participantes dos eventos. Suas oficinas têm grande visibilidade nos bairros onde estão situadas, inspirando outros trabalhos em outras instituições. Como as oficinas têm a duração de um ano, é possível verificar os seus efeitos nos alunos por meio de seus depoimentos e de suas famílias, havendo inúmeros casos de abandono do tráfico de drogas ou da participação em gangues de pichação, ou ainda, o que é mais freqüente, a mudança de postura em relação à arte, à memória social e ao patrimônio. Também é notória a satisfação pela apreensão de novos conceitos, despertando-se o interesse pelo estudo e pela cultura. Alguns dispõem-se a buscar a aproximação com a universidade, o que, muito freqüentemente, não só está inviabilizado, como desprezado. Os monitores grafiteiros com o tempo dispuseram-se a fazer interlocução com professores e alunos da universidade, chamando a atenção de conferencistas para o desenvolvimento de sua capacidade de estabelecer um debate. Dois dentre eles conseguiram entrar para faculdades, sendo uma de arte, a Escola Guignard, e outra de História, na PUC-Minas.

Dentre as inúmeras solicitações de presença do Projeto, podemos discernir aquelas que visam o grafite, o desenho ou a pintura, e aquelas que buscam a palavra sobre a experiência com jovens. Como exemplos do primeiro caso, temos: o Projeto Manuelzão, da UFMG, que

contou com grafites elaborados por monitores e alunos, em painéis na Praça Sete, durante o evento de comemoração do Dia Nacional da Água; a Secretaria Municipal de Assistência Social, que também teve grafites elaborados por monitores e alunos, em painéis, durante o dia de promoção da Campanha do Agasalho, na Praça Sete; a Secretaria Municipal de Saúde, que teve painéis em madeirite sobre a Campanha da Dengue; a Secretaria Municipal de Direitos de Cidadania, que teve enormes murais pintados em tecido, em comemoração do Dia da Comunidade Negra, da Mulher e outros, além da ilustração de uma cartilha para o Procon e ilustração dos artigos da Declaração dos Direitos Humanos para exposição na Câmara de Diretores Lojistas, Fórum Social Brasileiro e para uma cartilha; a Way-TV, que selecionou nove pinturas, dentre várias feitas por alunos das oficinas, para plotagem e composição de alguns de suas torres, chamadas de totens, em pontos diversos das ruas da cidade; a TV Comunitária, para a qual monitores e alunos pintaram um biombo destinado a fazer o cenário das entrevistas de rua de um determinado programa.

No segundo tipo de demanda, estão as conferências, palestras e entrevistas que coordenadores do Projeto, monitores e coordenadores de oficinas dedicaram às rádios, emissoras de TV e jornais. Como exemplo, a palestra que o monitor Júlio César Castro pronunciou no Sindicato de Estabelecimentos de Ensino de Escolas Particulares ou as conferências do coordenador de oficinas digitais Leonardo Oliveira sobre as possibilidades de utilização das linguagens digitais nas escolas, solicitadas pela Secretaria de Educação.

Ainda há um outro tipo de demanda freqüente, advindo de órgãos que buscam apoio de ações do Projeto Guernica para solucionar algum problema específico, ou para orientar na condução de algum processo referente à pichação e ao grafite. Aqui podemos relembrar três situações. Na primeira, a Secretaria de Educação, em sua preocupação com as crianças resistentes à alfabetização, convocou a coordenadora de oficinas Maria Luiza Viana para refletir sobre o uso dos alfabetos da pichação no processo de ensino e solicitou indicação de alunos do Projeto para a função de monitoria de algumas oficinas.

A segunda situação deu-se, em 2000, quando a Urbel solicitou ao Projeto Guernica uma ação em um recém-construído conjunto habitacional do Bairro Tirol, que amanhecera coberto de pichações. A ação desenvolvida envolveu, além da Urbel, o Condomínio do Conjunto, a Secretaria do Meio Ambiente, a Superintendência de Limpeza Urbana, a arquiteta do Condomínio, as crianças e os jovens do Condomínio, além dos coordenadores, monitores e muitos alunos do Projeto Guernica. A caixa d'água tornou-se o espaço de uma pintura coletiva, realizada pelas crianças e jovens, que escolheram como tema um aquário. Um concurso elegeu uma frase sobre o Condomínio. A partir daí, a comunidade foi mobilizada para uma reurbanização, que significou trabalho com os jardins, os passeios e a pintura do prédio.

A terceira situação foi o evento na feira da Construminas, ocorrida na Expominas, de 10 a 14 de julho de 2001, em articulação com a Associação Brasileira do Cimento Portland – ABCP –, Associação de Mestres de Obra de Minas Gerais – AMOEMG –, Senai, Associação Mineira do Comércio de Materiais de Construção – ACOMAC –, Cimento Cauê. Nessa feira, grupos de operários construíram alguns pequenos muros, na participação de um concurso. Em seguida, grupos de grafiteiros (monitores, alunos e outros) fizeram seus grafites, também participando de um concurso, tendo por encerramento a premiação de operários e grafiteiros. Devido a essa movimentação, esse estande da ABCP foi um dos mais concorridos da feira e é ainda hoje evocado com entusiasmo pelos participantes, que tiveram chance de ter seu trabalho largamente apreciado. Esse evento gerou ainda uma parceria da empresa de tubos de conexões Tigre, de Joinville, via ACOMAC, que trouxe a Belo Horizonte o Ballet Bolshoi, reservando ingressos para crianças e jovens e uma verba de R\$100.000,00 para materiais de construção destinados a uma creche da Associação Municipal de Assistência Social – AMAS. Alguns estágios dos monitores grafiteiros foram marcantes, como o de dois monitores no

Museu de Artes e Ofícios, em vias de ser inaugurado, por meio da empresa Grupo Oficina de Restauro, em que aprenderam técnicas de restauração de edificações e monumentos. O contato com profissionais altamente qualificados e motivados fez emergir nesses jovens o método e a perseverança no trabalho cotidiano.

Desde o ano de 2003 está em curso uma campanha do Projeto Guernica, a ser concluída no final de 2004, envolvendo todas as crianças e adolescentes de 6 a 18 anos da rede pública escolar municipal. A campanha tem mobilizado os esforços da equipe, por ser a sua primeira campanha de grande porte, resultante da maturidade do Projeto. Intitulada “A paisagem de BH: uma descoberta”, busca sensibilizar crianças e jovens para o respeito à paisagem urbana de Belo Horizonte, em especial às referências que compõem seu patrimônio histórico, artístico e cultural.

Já foram realizados dois seminários, um para formação de coordenadores e monitores do Projeto, outro para a formação de professores da Secretaria Municipal de Educação, e uma mesa-redonda sobre o tema, num convênio da Prefeitura com o IEPHA/MG. Os monitores do Projeto produziram os desenhos do material distribuído aos professores participantes da campanha. Os professores, ancorados no suporte da equipe do Projeto, escolheram e estão trabalhando um “lugar de referência” da regional onde se situa sua escola.

No segundo semestre, haverá produção coletiva de painéis artísticos sobre o trabalho realizado, com uma exposição de alguns deles no evento da Mostra Plural, da Secretaria Municipal da Educação. Essa campanha, bem como todas as demais atividades de cunho educacional, colocam os grafiteiros em posição de refletir sobre sua responsabilidade diante dos mais novos. Considerando-se que os pichadores, por serem mais novos, buscam a referência dos grafiteiros, que não só são mais velhos, como demonstram mais desenvoltura na pintura dos muros, podemos calcular um reflexo dessas experiências dos grafiteiros sobre toda a comunidade de pichadores.

Conclusões

É preciso ressaltar a coragem dos coordenadores e monitores do Projeto Guernica em lidar com os paradoxos da questão, questionando e interrogando com honestidade os grupos de jovens e até os meandros do poder público, sobre as práticas e idéias relativas ao tema, mesmo quando respaldados pela mídia, pelo mercado de consumo, pela opinião pública, pelos partidos políticos ou pela ciência. Ora, um discurso que lida com o paradoxo já faz girar o discurso do Hip-Hop, que afirma uma ideologia sobre o mundo. Isso impregna as ações do Projeto Guernica. Nas entrevistas da dissertação de mestrado sobre o Projeto, monitores e coordenadores de oficinas não dizem de um assistencialismo baseado no reconhecimento da “identidade” dos jovens nos grupos. Eles interrogam esses jovens, imprimem direção a um processo que exige esforço no sentido de desconstruir as certezas, buscar a história e a origem de cada um, e abrir-se para novas técnicas, práticas, conhecimentos, informações, habilidades, gostos, interesses, perspectivas.

Assim, o Projeto consegue dar um tratamento à demanda dos jovens pela liberação de muros, por parte da prefeitura, para se expressarem. Seria linear e simplista da parte do poder público atender à demanda sem trabalhar o seu enunciado. Percebe-se que uma nova abordagem do tema foi implementada. Diferentemente de outras cidades, aqui os grafiteiros mantêm aberta uma porta de interlocução com o poder público. Há, hoje, condições para se implementarem ações de grande porte, dirigidas às crianças e jovens, de modo a lhes apresentar alternativas à pichação. Como o fenômeno da pichação é mundial, não se pode pretender a sua erradicação. Mas é necessária uma política pública, de modo a inventar novos trajetos.

Constata-se que, com a política sustentada pelo Projeto, além da informação, uma formação tem acontecido, e isso desemboca na escrita, que passa a exigir novos suportes além

do muro. Aparecem outros modos de escrita – desenhos, pinturas em telas, esculturas, histórias em quadrinhos pela linguagem digital, painéis em madeira ou tecido, murais em interiores -, que têm por efeitos gerar outros modos de discurso, ou seja, outras maneiras de fazer laços sociais.

A arte, introduzida a partir da demanda que surge a cada momento nas oficinas, mostra sua eficácia em fornecer instrumentos adequados à busca desses jovens. De fato, os hiatos de obscurantismo na história da humanidade coincidem com os tempos de adormecimento da arte. A arte opera com a letra e a imagem e convoca o que o sujeito tem a colocar de si. Por isso, constitui-se em um fator de êxito nesse trabalho com os jovens.

É coerente o propósito do Projeto Guernica de realizar estratégias de ação específicas para cada espaço da cidade e cada situação. O Projeto está em condições de assessorar políticas variadas para os jovens, contribuir com os vetores, compartilhar sua experiência. A atuação de um engenheiro na coordenação do Projeto é um eixo fundamental na sustentação de um trabalho que retira o grupo de jovens de sua posição de reivindicação de benefícios em proveito próprio e de desconhecimento da dinâmica da cidade – o que os comprime em uma espécie de corporação. Um trabalho que leva em conta a cidade eleva o grupo à condição de movimento social, que trabalha na dimensão de toda uma população. Observa-se que a “corporação” se insurge todas as vezes em que o grupo se fecha e compete em lutas por prestígio ou, até mesmo, em disputas por uma reserva de mercado. A engenharia, a arquitetura e o urbanismo podem interpelar esse ponto no cotidiano, ao introduzir elementos novos para se conceber a cidade não apenas como múltipla, esfarelada em “tribos” estanques, mas como uma estrutura lógica que sofre efeitos da globalização e da modernidade.

Também não se pode desconhecer que a psicanálise fez um marco no Projeto, introduzindo a concepção da circulação dos discursos e fazendo com que a escuta se revele operante.

É isso que abre a chance do novo num trabalho que faz a intercessão entre o governo, o saber das ruas e o saber da universidade.

Referências bibliográficas

- BADIOU, Alain. Conferências. In: GARCIA, C. (Org.). Conferências de Alain Badiou no Brasil. Trad. M.H. Ratton, A. Álvares, A. Teixeira, M.B.Carvalho. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BOLLE, Willi. Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin. 2.ed. São Paulo: Ed. Univ. São Paulo, 2000.
- CANCLINI, Nestor García. (2000), Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa P.Cintrão. São Paulo: Ed. Univ. São Paulo, 2000.
- FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego [1921]. In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XVIII, p. 91-184.
- LACAN, Jacques. Mais ainda: o seminário, livro 20. Trad. M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LEFEBVRE, Henri. A revolução urbana. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- RIOUT, Denys, GURDJIAN, Dominique, LEROUX, Jean-Pierre. Le livre du graffiti. Paris: Société Européenne des Arts Graphiques, 1990.
- VIDAL, Eduardo. Retratura de Joyce, escrita e ‘sinthoma’. In: Retratura de Joyce. Uma perspectiva lacaniana. Revista da Escola da Letra Freudiana, Rio de Janeiro, 1993. v. XII, n. 13, p. 193-200.

ZALUAR, Alba. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANA, H. (Org.). Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

ZUKIN, Sharon. Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. In: ARANTES, Antônio A. (Org.). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 1996. cap. 5, p. 105-114.